

Seus
olhos
viam
Deus

Para
Henry Allen Moe

PREFÁCIO



Em 1987, quinquagésimo aniversário da publicação de *Seus Olhos viam Deus*, a University of Illinois Press inseriu uma tarja no canto inferior direito da capa de sua reedição anual: “1987/50º Aniversário — AINDA UM BEST-SELLER!” A contracapa, usando uma citação de Doris Grumbach na *Saturday Review*, proclamava *Seus olhos...* “o mais belo romance negro de sua época”, e “um dos melhores de todos os tempos”. Creio que Zora Neale Hurston ficaria chocada e satisfeita com essa espantosa virada na receptividade de seu segundo romance, que por quase trinta anos após o lançamento ficou fora de catálogo, em grande parte desconhecido e não lido, e descartado pelo *establishment* literário masculino de formas algumas vezes sutis e outras não tão sutis. Um resenhista branco em 1937 elogiou o romance na *Saturday Review* como uma “história de amor exuberante e vigorosa, embora meio desajeitada”, ainda que não acreditasse muito que uma cidade como Eatonville, “habitada e governada inteiramente por negros”, pudesse ser real.

Críticos negros homens foram muito mais duros na avaliação do romance. Desde o início de sua carreira, Zora foi

severamente criticada por não escrever ficção na tradição de protesto. Sterling Brown disse em 1936, sobre seu livro anterior, *Mules and Men*, que não continha raiva suficiente, não descrevia o lado mais difícil da vida negra no Sul, que Zora fazia a vida negra sulista parecer fácil e despreocupada. Alain Locke, decano dos eruditos e críticos negros durante a Renascimento do Harlem, escreveu em seu balanço anual da literatura para a revista *Opportunity* que *Seus olhos...* estava simplesmente fora de passo com as tendências mais sérias da época. Perguntava quando Zora pararia de criar “esses pseudoprimitivos dos quais o público ainda gosta de rir, com os quais chora, e inveja”, e “abordar a ficção de motivo e de documento social”. A crítica mais danosa veio do mais famoso e influente escritor negro da época, Richard Wright. Escrevendo para a revista esquerdista *New Masses*, ele censurou duramente *Seus olhos...* como um romance que fazia na literatura o que os artistas brancos com a cara pintada de preto faziam no teatro, quer dizer, provocar gargalhadas nos brancos. Disse que o romance “não tem tema, mensagem, nem ideia”, mas explorava os aspectos “exóticos” da vida dos negros que satisfaziam os gostos do público branco. No fim dos anos 1940, uma década dominada por Wright e pela tempestuosa ficção do realismo socialista, a voz mais discreta de uma mulher em busca de autorrealização não podia ou não seria ouvida.

Como a maioria de meus amigos que lecionavam nos recém-formados departamentos de Estudos Negros no fim dos anos 1960, ainda lembro nitidamente minha descoberta de *Seus olhos...* Por volta de 1968, numa das muitas e prósperas livrarias negras do país — esta, a Vaughn's Books, ficava em

Detroit — encontrei a magra brochurazinha (comprada por 75 centavos) com uma ilustração estilizada de Janie Crawford e Jody Starks na capa — ela bombeando água do poço, os longos cabelos caindo em cascatas pelas costas, a cabeça ligeiramente voltada para ele com um ar de anseio e expectativa; ele parado a certa distância, com sua vistosa camisa de seda e suspensórios roxos, o paletó pendurado num braço, a cabeça inclinada para um lado, com o olhar que fala a Janie de horizontes distantes.

O que adorei imediatamente nesse romance, além de sua poesia superior e sua heroína, foi o investimento nas tradições populares negras. Ali, finalmente, estava uma mulher em busca de sua identidade e, ao contrário de muitas outras figuras em busca de alguma coisa na literatura negra, sua jornada a levaria não para longe, mas cada vez mais para dentro da negritude, a descida para as Everglades, com sua rica terra negra, cana brava e vida comunal, representando uma imersão nas tradições negras. Mas para a maioria das leitoras negras que descobrem *Seus olhos...* o que era mais absorvente era a figura de Janie Crawford — poderosa, articulada, autoconfiante e radicalmente diferente de qualquer personagem feminina antes encontrada na literatura. Andrea Rushing, então instrutora no Departamento de Estudos Afro-Americanos, lembra que leu *Seus olhos...* num grupo feminino de estudos, com Nellie McKay, Barbara Smith e Gail Pemberton.

— Eu adorei a linguagem desse livro — diz Andrea —, mas adorei sobretudo porque falava de uma mulher que não era patética, não era uma “mulata trágica”,* e que contestava

* O “*tragic mulatto*” era um personagem ficcional miscigenado e estereotipado como um ser triste e deprimido, uma vítima da sociedade dividida por raças, presente na literatura norte-americana a partir do século XIX.

tudo que se esperava dela, que fugiu com um homem sem se dar o trabalho de divorciar-se daquele que deixara, e não era despedaçada, esmagada, atropelada.

A reação das mulheres de todo o país que se viram tão fortemente representadas num texto literário era muitas vezes direta e pessoal. Janie e Tea Cake eram discutidos como se fossem pessoas que os leitores conheciam intimamente. Sherley Anne Williams lembra que foi a uma conferência em Los Angeles, em 1969, onde a principal oradora, Toni Cade Bambara, perguntou às mulheres da plateia:

— As irmãs aqui estão prontas para Tea Cake?

E Sherley, lembrando que mesmo Tea Cake tinha seus defeitos, respondeu:

— Os Tea Cakes do mundo estão prontos para nós?

Sherley deu aulas sobre *Seus olhos...* pela primeira vez na Cal State Fresno, numa área de agricultores migrantes onde os alunos, como os personagens do livro, estavam acostumados a tirar seu sustento da terra.

— Pela primeira vez — diz Sherley — eles se viam naqueles personagens, e viam sua vida retratada com alegria.

O comentário de Andrea sobre a mulher como heroína e a história de Sherley sobre o alegre retrato de uma cultura sintetizam juntos o que os críticos mais tarde veriam como a contribuição única do romance à literatura negra: afirma as tradições culturais negras, revendo-as ao mesmo tempo para dar força à mulher negra.

Em 1971, *Seus olhos...* era um fenômeno clandestino, aparecendo aqui e ali, onde quer que houvesse um crescente interesse pelos estudos afro-americanos — e uma professora de literatura negra. Alice Walker lecionava o romance em Wel-

lesley no ano escolar 1971-72 quando descobriu que Zora era apenas um pé de página nos estudos acadêmicos. Tendo lido num ensaio de um folclorista branco que Zora se encontrava enterrada numa cova não identificada, decidiu que tal destino era um insulto à autora, e começou a procurar a sepultura para pôr uma lápide. Num ensaio pessoal, “Em busca de Zora”, escrito para a revista *Ms.*, ela conta que foi à Flórida, procurou no meio de um matagal que chegava à cintura e encontrou o que julgou ser a cova da escritora, e pôs nela uma lápide com a inscrição “Zora Neale Hurston/‘Um gênio do Sul’/ Romancista/Folclorista/Antropóloga/1901-1960”. Com esta inscrição e o ensaio, Alice inaugurou uma nova era de estudos sobre *Seus olhos viam Deus*.

Em 1975, *Seus olhos...*, de novo fora de catálogo, estava em tal demanda que circulou uma petição na convenção da Associação de Linguagem Moderna (MLA — Modern Language Association) de dezembro para que se reeditasse o romance. Naquele mesmo ano, numa conferência sobre literatura de minoria realizada em Yale e dirigida por Michael Cooke, os poucos exemplares de *Seus olhos...* disponíveis foram entregues, por um período máximo de duas horas, aos participantes do encontro, muitos dos quais liam o romance pela primeira vez. Em março de 1977, quando a Comissão de Grupos Minoritários e Estudo de Língua e Literatura da MLA publicou sua primeira lista dos livros fora de catálogo que tinham maior demanda em escala nacional, o coordenador do programa, Dexter Fisher, escreveu: “*Seus olhos viam Deus* está unanimemente no topo da lista.”

Entre 1977 e 1979, o renascimento de Zora Neale Hurston entrou em pleno florescimento. A biografia *Zora Neale Hurston*:

uma *biografia literária*, de Robert Hemenway, publicada em 1977, foi um best-seller disparado na convenção de dezembro da MLA. A nova edição de *Seus olhos...*, da University of Illinois Press, publicada um ano depois da biografia de Hemenway, em março de 1978, tornou o romance disponível de forma constante e confiável pelos dez anos seguintes. *I Love Myself When I Am Laughing... And Then Again When I Am Looking Mean and Impressive: A Zora Neale Hurston Reader* [Gosto de mim quando rio... e também quando pareço má e imponente: uma antologia de Zora Neale Hurston], organizado por Alice Walker, foi publicado pela Feminist Press em 1979. Provavelmente mais que qualquer outra coisa, esses três fatos literários tornaram possível o surgimento de estudos sérios sobre Zora.

Mas o fato que, para mim, marcou o início da terceira onda de atenção crítica a *Seus olhos...* ocorreu em dezembro de 1979, na convenção da MLA em San Francisco, numa seção adequadamente intitulada “Tradições e suas transformações nas letras afro-americanas”, presidida por Robert Stepto, de Yale, com John Callahan, do Lewis and Clark College, e eu própria (então na Universidade de Detroit) como participantes da mesa. Apesar de a sessão ter sido programada para uma manhã de domingo, a última de toda a convenção, a sala estava lotada, e o público extraordinariamente atento. Em seus comentários no fim da sessão, Stepto levantou a questão que se tornou um dos aspectos mais controvertidos e acaloradamente contestados do romance: se Janie conquista ou não sua própria voz em *Seus olhos...* O que preocupava Stepto era a cena do tribunal, em que Janie é chamada não apenas a defender sua própria vida e liberdade, mas também a fazer o júri, assim como todos nós que ouvimos sua história, entender o sentido de sua

vida com Tea Cake. Stepto achou Janie curiosamente calada nessa cena, com Zora contando a história na onisciente terceira pessoa, de modo que não ouvimos a heroína falar, pelo menos não com sua própria voz, na primeira pessoa. Stepto estava inteiramente convencido (e convincente) de que a estrutura da história, em que Janie fala a Pheoby, apenas cria a ilusão de que ela encontrou sua voz, de que a insistência de Zora em contar a história de Janie na terceira pessoa solapa o poder desta como narradora. Enquanto o resto de nós lutávamos na sala para encontrar nossa voz, Alice Walker levantou-se e exigiu a sua, insistindo com paixão em que as mulheres não tinham de falar quando os homens achavam que elas deviam, que elas escolheriam quando e onde desejavam falar, porque embora muitas mulheres *houvessem* encontrado sua própria voz, também sabiam quando era melhor não usá-la. O que foi mais notável na enérgica e às vezes acalorada discussão que se seguiu às observações de Stepto e Alice foi a suposição de todos na sala de que *Seus olhos...* era um texto compartilhado, que um romance que apenas dez anos antes era desconhecido e esgotado entrara em aceitação crítica como talvez o texto mais amplamente conhecido e privilegiado no cânone literário afro-americano.

Aquela sessão da MLA foi importante por outro motivo. A defesa feita por Alice da opção de Janie (na verdade de Zora) por se manter calada nos trechos cruciais do romance revelou-se a primeira leitura de voz feminista em *Seus olhos...*, uma leitura apoiada mais tarde por muitos outros estudiosos de Zora. Em um recente ensaio sobre *Seus olhos...* e a questão da voz, Michael Awkward afirma que a de Janie no fim do romance é uma voz comunal, que quando ela manda Pheoby

contar sua história (“Cê pode contar pra eles o que eu contar, se você quiser. Pra mim tanto faz, porque minha língua fala pela boca da minha amiga”), escolhe uma voz coletiva, ao invés de individual, demonstrando sua proximidade com o espírito coletivo da tradição oral afro-americana. Thad Davis concorda com essa leitura da voz, acrescentando que embora Janie seja a contadora da história, é Pheoby a sua portadora. Davis diz que a vida experimental de Janie talvez não lhe permita efetuar mudanças além da que causa na vida de Pheoby; mas esta, estando dentro do papel tradicional da mulher, é a mais capacitada para levar a mensagem de volta à comunidade.

Embora, como Stepto, eu também me sinta pouco à vontade com a ausência da voz de Janie na cena do tribunal, acho que o silêncio reflete o desconforto de Zora com o modelo do herói masculino que se afirma através de sua voz potente. Quando Zora escolheu uma heroína para a história, enfrentou um interessante dilema: a presença feminina era, inerentemente, uma crítica à cultura folclórica dominada pelo homem, e, portanto, não podia ser sua representante heroica. Quando Janie diz no fim de sua história que “falar num vale de muita coisa” se for separado da experiência, está atestando as limitações da voz e criticando a cultura que festeja a oralidade, excluindo o crescimento interior. Sua fala final para Pheoby, no fim de *Seus olhos...*, na verdade lança dúvida sobre a importância do discurso oral e apoia a afirmação de Alice Walker de que o silêncio das mulheres pode ser intencional e proveitoso:

Conversar num vale um monte de feijão quando a gente num pode fazer mais nada... Pheoby, cê tem de *ir* lá pra *conhecer* lá. Nem seu pai nem sua mãe nem ninguém mais pode dizer nem mostrar procê. Duas coisa todo mundo tem de fazer por si mesmo. Tem de procurar Deus e descobrir como é a vida vivendo eles mesmo.

A linguagem dos homens em *Seus olhos...* é quase sempre divorciada de qualquer espécie de interioridade, e eles raramente são mostrados em processo de crescimento. A conversa deles é ou um jogo ou um método de exercer poder. A vida de Janie trata da experiência dos relacionamentos, enquanto Jody, Tea Cake e todos os outros homens que falam são em essência personagens estáticos, Janie e Pheoby dão mais atenção à sua vida interior — à experiência — por ser o local para o crescimento.

Se a avalanche de estudos sobre *Seus olhos* nos ensina alguma coisa, é que se trata de um texto rico e complexo, e que cada geração de leitores trará alguma coisa nova à nossa compreensão dele. Se protegemos esse texto, e não quisemos submetê-lo à análise literária durante os primeiros anos de seu renascimento, foi porque era um texto querido para aquelas de nós que descobrimos nele alguma coisa de nossas próprias experiências, nossa própria linguagem, nossa própria história. Em 1989, vejo-me fazendo novas perguntas sobre *Seus olhos* — perguntas sobre a ambivalência de Zora com sua protagonista feminina, sobre sua descrição acrítica da violência contra as mulheres, sobre as maneiras como a voz de Janie é dominada por homens mesmo nos trechos que tratam do seu crescimento interior. Em *Seus olhos*, Zora não nos deu uma personagem feminina heroica inequívoca. Ela

põe Janie na trilha da autonomia, autorrealização e independência, mas também na posição de heroína romântica, como objeto do interesse de Tea Cake, às vezes tão subordinada à magnífica presença dele que mesmo sua vida interior revela mais sobre ele do que sobre ela. O que *Seus olhos* nos mostra é uma escritora lutando com o problema da mulher enquanto heroína buscadora, e as dificuldades, em 1937, para dar a uma personagem mulher tal poder e audácia.

Como *Seus olhos* está nas livrarias continuamente desde 1978, tornou-se acessível a cada ano a milhares de novos leitores. É adotado em universidades por todo o país, e sua disponibilidade e popularidade geraram duas décadas de estudos do mais alto nível. Mas quero lembrar a história que levou este texto ao renascimento, sobretudo o espírito coletivo dos anos 1960 e 1970, que nos galvanizou para a ação política de recuperação das obras perdidas de escritoras negras. Há uma bela simetria entre texto e contexto no caso de *Seus olhos*: como o livro afirma e celebra a cultura negra, reflete a mesma afirmação dessa cultura que reacendeu o interesse pelo texto; a história contada por Janie a uma amiga ouvinte, Pheoby, sugere para mim todas as leitoras que descobriram sua própria história na história dela, e passaram-na de uma a outra; e certamente, como o romance representa uma mulher redefinindo e revisando um cânone dominado pelo homem, essas leitoras, como Janie, fizeram suas próprias vozes ouvidas no mundo das letras, revisando o cânone e ao mesmo tempo afirmando seu devido lugar nele.

MARY HELEN WASHINGTON

CAPÍTULO 1



Os navios ao longe levam a bordo todos os desejos dos homens. Para uns, eles chegam com a maré. Para outros, navegam eternamente no horizonte, jamais desaparecem, jamais atracam, enquanto o Espectador não desvia os olhos resignado, seus sonhos escarnecidos até a morte pelo Tempo. Assim é a vida dos homens.

Mas as mulheres esquecem tudo que não querem lembrar, e lembram tudo que não querem esquecer. O sonho é a verdade. Portanto elas agem e fazem tudo de acordo com isso.

Assim, tudo começou com uma mulher, que voltava de enterrar os mortos. Não mortos por doença, que haviam agonizado com amigos à cabeceira e aos pés da cama. Voltava dos encharcados e inchados; a morte súbita, os olhos arregalados em julgamento.

Todo mundo a viu voltar, porque foi ao entardecer. O sol já desaparecera, mas deixara suas pegadas no céu. Era a hora de sentar nas varandas que davam para a rua. Era a hora de saber das notícias e conversar. Essas pessoas sentadas não

tinham tido um conforto para as línguas, ouvidos e olhos o dia todo. Mulos e outras bestas haviam ocupado suas peles. Mas agora o sol e o capataz tinham ido embora, e as peles pareciam fortes e humanas. Elas tornavam-se senhoras dos sons e outras coisas menores. Por aquelas bocas passavam nações. Passavam julgamentos.

Ver a mulher, no estado em que vinha, os fez lembrar a inveja guardada de outros tempos. Por isso mastigavam o fundo da mente e engoliam com prazer. Faziam das perguntas tórridas afirmações, e das risadas ferramentas mortais. Crueldade em massa. Nascia um estado de espírito. Palavras andavam sem dono; andavam juntas como harmonia numa música.

— Quê que ela quer voltando pra cá com aquele macacão? Será que num tem nem um vestido pra vestir?... Cadê o tal vestido de cetim azul com que ela saiu daqui?... Cadê aquele dinheiro todo que o marido pegou e morreu e deixou pra ela? Quê que aquela mulher velha de quarenta anos quer, com os cabelos balançando nas costa que nem uma menina?... Onde deixou o rapazinho que saiu daqui com ela?... Achava que ia casar, era? Onde ele deixou *ela*? Que foi que ele fez com todo o dinheiro dela?... Aposto que passou sebo nas canela com uma menina tão novinha que num tem nem pelo... por que que ela não fica com os dela?

Quando ela chegou onde eles estavam, virou o rosto para o bando e falou. Eles se apressaram a dar um ruidoso “boa-noite”, e ficaram de boca aberta e ouvidos cheios de esperança. Ela tinha uma conversa muito simpática, mas continuou andando até o portão de sua casa. A varanda não podia conversar, porque olhava.

Os homens observavam as nádegas, firmes como se ela tivesse toranjas nos bolsos traseiros; a grande corda de cabelos pretos balançando até a cintura e desdobrando-se ao vento como uma pluma; depois os seios pugnazes, que tentavam furar a blusa. Eles, os homens, diziam com a mente o que não viam com os olhos. As mulheres pegavam a camisa desbotada e o macacão sujo e guardavam para lembrar. Isso era uma arma contra a força dela, e se afinal não tivesse importância, ainda era uma esperança de que ela caísse ao nível delas um dia.

Mas ninguém se mexeu, ninguém falou, ninguém sequer pensou em engolir a saliva enquanto o portão não bateu atrás dela.

Pearl Stone abriu a boca e deu uma verdadeira gargalhada, por não saber o que fazer. Ao rir, desabou em cima da Sra. Sumpkins. Esta bufou com violência e chupou o dente.

— Hum! Cês vão deixar ela tirar o sono de vocês. Cês num se parece comigo. Eu num ligo pra ela. Se ela num tem nem a cortesia de parar e contar pros dela o que aconteceu, deixa ela pra lá!

— Nem vale a pena a gente falar dela — disse Lulu Moss, a voz arrastada, pelas narinas. — Num fala, mas tá acabada. É o que eu digo dessas mulher velha que sai por aí correndo atrás dos menino.

Pheoby Watson curvou a cadeira de balanço para a frente, para falar.

— Bom, ninguém sabe se é coisa de contar ou não. Nem eu, que sou a melhor amiga dela, num sei.

— A gente pode num saber de tudo que nem você, mas nós tudo sabe como ela saiu daqui e viu ela voltar. Cê num

vem tentar proteger nenhuma velha que nem essa Janie Starks, Pheoby, amiga ou não.

— Até que ela num é tão velha quanto muitas das que tão falando.

— Pelo que eu sei, ela já passou um bocado dos quarenta, Pheoby.

— Num parece mais de quarenta.

— Tá velha demais prum menino que nem Tea Cake.

— Tea Cake já não é mais menino faz um bocado de tempo. Anda aí pelos seus trinta.

— De qualquer jeito, ela bem que podia parar e dizer umas palavrinha pra gente. Parece que a gente fez alguma coisa contra ela — queixou-se Pearl Stone. — Foi ela que fez besteira.

— Quer dizer que ocês tá tudo danada porque ela num parou pra falar da vida dela pra gente. Mesmo assim, que foi que ela fez de tão ruim que nem ocês diz? A pior coisa que eu sei que ela fez foi descontar uns aninho da idade, e isso nunca fez mal pra ninguém. Cês me deixa enjoada. Do jeito que ocês fala, a gente até pensa que o pessoal dessa cidade num faz nada na cama a não ser rezar pro Senhor. Cês vão me desculpar, porque eu tenho de levar qualquer coisa pra ela comer.

Pheoby levantou-se abruptamente.

— Num liga pra gente, não — sorriu Lulu. — Pode ir, que a gente toma conta da tua casa até ocê voltar. Meu jantar tá pronto. É melhor ir vê como ela tá. Depois conta pra gente.

— Senhor — concordou Pearl. — Eu sapequei demais o bocadim de carne e pão pra poder falar. Fico fora de casa até quando quero. Meu marido num é cheio de coisa.

— Ah, bom, Pheoby, se ocê já tá pronta pra sair, eu podia dar um pulinho lá com ocê — ofereceu-se a Sra. Sumpkins. — Tá escurecendo. O bicho-papão pode te pegar.

— Não, muito 'brigada. Nada vai me pegar nos pouco passo que eu vô andar. Inda mais que meu marido disse que nenhum bicho-papão que se respeite vai me querer. Se ela quer dizer qualquer coisa procês, cês vai ficar sabendo.

Pheoby apressou-se a sair com uma tigela coberta nas mãos. Deixou a varanda às suas costas fervilhando de perguntas não feitas. Todos esperavam que as respostas fossem cruéis e estranhas. Quando chegou à casa, Pheoby Watson não entrou pelo portão da frente, que ia dar, passando pelo caminho entre as palmeiras, na porta da frente. Contornou em vez disso a quina da cerca e entrou pelo portão particular, com o prato cheio de “arroz de mulato”.*

Janie devia estar daquele lado.

Encontrou-a sentada nos degraus da varanda dos fundos, com os candeieiros todos cheios e as chaminés limpas.

— Olá, Janie, como vai?

— Ah, muito bem, tô aqui tentando espremer um pouco do cansaço e sujeira dos pés. — Deu uma risadinha.

— Ah, tô vendo que tá. Menina, cê tá *bem* memo. Parece até a sua filha. — Riram as duas. — Memo com esse macacão aí ocê mostra que é mulher.

— Ora vamo, ora vamo! Ocê deve tá aí pensando que eu trouxe uma coisinha procê. E eu que num trouxe nada nem pra mim mema.

* O “mulatto rice” aparece no livro “*The Savannah Cook Book*”, de Harriet Ross Colquitt, como sendo um prato feito com arroz, cebola, tomate e bacon.

— Já tá muito bom assim. Os amigos num precisa de coisa melhor.

— Eu aceito adulação tua, Pheoby, porque eu sei que é de coração. — Janie estendeu a mão. — Deus do céu, Pheoby! Será que ocê num vai me dar nunca essa comida aí que trouxe pra mim? Não botei nadinha na barriga hoje, só a mão. — As duas riram à vontade. — Me dá aqui e senta aí.

— Eu sabia que ocê ia tá com fome. Depois que anoitece não é hora de sair catando lenha por aí. Meu arroz de mulato num tá muito bom dessa vez. Pouca gordura de bacon, mas acho que dá pra matar a fome.

— Eu já te digo agorinha memo — disse Janie, levantando a tampa. — Menina, mas tá bom *demais!* Ocê até que sabe mexer esse rabo magro numa cozinha.

— Ah, num é lá grande coisa pra comer, Janie. Mas amanhã eu garanto que trago uma coisa boa memo, porque ocê voltou.

Janie comeu com vontade e não disse nada. A multicolorida nuvem de poeira que o sol levantara no céu assentava-se aos poucos.

— Aqui, Pheoby, toma teu prato velho. Eu num preciso nem um pouco de um prato vazio. Essa gororoba até que caiu bem.

Pheoby riu da brincadeira rude da amiga.

— Ocê continua a mesma maluca de sempre.

— Me passe aí esse paninho na cadeira junto de você, querida. Quero esfregar os pé.

Pegou o pano e esfregou com força. Da rua, chegou-lhe uma risada.

— Ora, se num tô vendo que os linguarudo continua sentado no memo lugar. E acho que agora eles num tira meu nome da boca.

— É mesmo. Você sabe que quando a gente passa pelas pessoa e num fala que nem eles quer, eles se mete na vida da gente e escarafuncha tudo que a gente já fez. Eles sabe mais da gente que a gente memo. Coração invejoso faz ouvido traiçoeiro. Eles só “soube” de você o que eles acha que aconteceu.

— Se Deus pensa tanto neles que nem eu, eles num passa de uma bola perdida no mato alto.

— Eu escuto o que eles diz porque eles se junta na minha varanda, que fica na rua larga. Meu marido fica com tanto nojo deles que manda tudo embora.

— E Sam tem razão. Eles só tão gastando as cadeira.

— Pois é, Sam diz que a maioria vai pra igreja pra ter certeza da ressurreição no Dia do Juízo. Diz que nesse dia todos os segredo vão sair pra fora. E eles querem tá lá pra ouvir *tudo*.

— Sam é doido *demais!* A gente num para de rir quando ele tá por perto.

— Um-hum. Ele diz que quer tá lá também, pra descobrir quem foi que roubou o cachimbo de sabugo de milho dele.

— Pheoby, esse seu Sam é demais! Que coisa mais maluca!

— A maioria daqueles fuxiqueiro lá tá tão curioso com o que ocê fez que, se não descobrirem logo, é capaz de correr pro Juízo só pra saberem. É melhor ocê se apressar e contar pra eles seu casamento com Tea Cake, se ele levou teu dinheiro todo e fugiu com uma menina, onde tá ele agora, e onde anda sua roupa toda, pra ocê voltar pra cá de macacão.

— Eu num vô me dá o trabalho de contar nada pra eles, Pheoby. Não vale a pena. Cê pode contar pra eles o que eu

te contar, se quiser. Pra mim tanto faz, porque minha língua fala pela boca da minha amiga.

— Se quiser, eu conto pra eles o que você mandar.

— Pra começar, gente que nem eles gasta tempo demais falando das coisa que num sabe. Agora eles tem de xeretar meu namoro com Tea Cake, pra ver se foi tudo certo ou não! Eles num sabe se a vida é um monte de bolinho de fubá, se o amor é uma colcha de retalho!

— Desde que eles pegue um nome pra mastigar, tanto faz de quem é, e o que é, inda mais se eles pode fazer parecer o pior possível.

— Se eles quer saber como é, por que num vão beijar e ser beijado? Aí eu podia me sentar e contar umas coisinha pra eles. Fui delegada na grande associação da vida. Sim, sinhô! A Grande Loja, a grande convenção da vida, foi bem lá que eu andei este ano e meio que ocês num me vê.

Ficaram ali sentadas juntas na jovem e fresca escuridão. Pheoby ávida por sentir e agir por meio de Janie, mas detestando mostrar sua avidez, por receio de que isso fosse julgado simples bisbilhotice. Janie inundada pelo mais antigo dos anseios humanos — a autorrevelação. Pheoby segurou a língua por um longo tempo, mas não podia deixar de mexer os pés. Por isso Janie falou.

— Eles num precisa se preocupar muito tempo comigo e meu macacão, que ainda me resta novecentos dólar no banco. Foi Tea Cake que me mandou usar o macacão... pra ir com ele. Não gastou nenhum dinheiro meu, e também num me deixou por menina nenhuma. Me deu todo consolo do mundo. E era isso que ele ia dizer pra eles, se tivesse aqui. Se num fosse imhora.

Pheoby dilatou-se toda, de avidez.

— Tea Cake foi imbora?

— Pois é, Pheoby, Tea Cake foi imbora. E é só por isso que ocê tá me vendo aqui de volta... porque num tinha mais nada pra me fazer feliz lá onde eu tava. Lá embaixo nas Everglades, no brejo.

— Eu num entendo direito o que ocê diz, do jeito que ocê diz. E também eu sou meio dura de entendimento às vez.

— Não, num tem nada do que você pensa, não. Não adianta eu contar uma coisa, se num dou o entendimento pra acompanhar. Pra quem num vê a pele, a de vison num é diferente da de gambá. Escute, Pheoby, Sam tá esperando ocê pra dar o jantar dele?

— Tá tudo pronto e servido. Se ele num tem juízo pra comer, azar dele.

— Tá bom, então a gente pode se sentar aqui e conversar. Eu abri a casa toda, pra deixar esse ventinho entrar um pouco. Pheoby, a gente é amiga íntima faz vinte ano, por isso eu conto com ocê pra ter uma boa ideia. E tô contando com ocê pra isso.

O tempo tudo envelhece, de modo que a jovem e acariante escuridão foi-se tornando uma monstruosa coisa velha à medida que Janie falava.